

## Livro O que é o Espiritismo - Capítulo III - O HOMEM DEPOIS DA MORTE - Allan Kardec

### O HOMEM DEPOIS DA MORTE

144.

Como se separa a alma do corpo: brusca ou gradualmente?

O desprendimento realiza-se gradualmente, com lentidão que varia conforme os indivíduos e as circunstâncias da morte.

Os liames que prendem a alma ao corpo rompem-se pouco a pouco e tanto menos rapidamente quanto mais material e sensual foi a vida.

(O Livro dos Espíritos, ns 155).

145.

Qual a situação da alma, imediatamente após a morte do corpo? Tem, instantaneamente consciência de si mesma? Numa palavra: o que vê, o que experimenta?

No momento da morte, de pronto tudo é confusão.

A alma precisa de algum tempo para se reconhecer.

Está como que aturdida, no estado de um homem que acordasse de um profundo sono e se esforçasse por compreender a situação em que se encontra.

A lucidez das idéias e a memória do passado retornam-lhe à medida que se apaga a influência da matéria de que acaba de desprender-se e que se dissipa o nevoeiro que lhe obscurece os pensamentos.

O tempo de perturbação que se segue à morte varia muito.

Pode ser de algumas horas apenas ou de muitos anos.

É menos longo nos que se identificaram, quando viviam, com seu estado futuro, pois compreendem imediatamente a situação.

Ao contrário, é mais longo quanto mais material lhes transcorreu a existência.

A sensação que a alma experimenta naquele momento é, também, muito variável.

A perturbação que se segue à morte nada tem de penosa para o homem de bem.

É tranqüila e em tudo semelhante àquela que acompanha um lúcido despertar.

Para aquele cuja consciência não é pura e que teve mais apego à vida material que à espiritual, a sensação é de desassossego, plena de angústias, que aumentam à medida que assenta as idéias, pois que então o assalta o medo, uma espécie de terror, em presença do que vê e sobretudo do que presente.

Experimenta entretanto, um grande alívio e um imenso bem-estar, sensações que poderiam ser chamadas de físicas.

Encontra como que o alívio de um peso, a felicidade por já não experimentar as dores corporais, que pouco antes da libertação ainda sofria, o desembaraço e a leveza, como alguém que se tivesse livrado de pesadas cadeias.

Em seu novo estado a alma vê e ouve o que via e ouvia antes da morte e outras coisas mais que escapavam à imperfeição dos órgãos físicos.

Tem sensações e percepções que nos são desconhecidas.

(Revue Spirite, 1859, pág.

244: Mort d un Esprit.

- Idem, 1860, pág.

332: Lê réveil de l'Esprit.

- Idem.

1862, págs.

129 e 171: Obsè-ques de M.

Sanson).

**OBSERVAÇÃO** - Estas respostas e todas as relativas à situação da alma depois da morte ou durante a vida, não resultam de uma teoria ou de um sistema, mas de estudos diretos feitos em milhares de seres observados em todas as fases e em todos os períodos de sua existência espiritual, desde o grau mais ínfimo ao mais elevado da escala, segundo seus costumes durante a vida terrena, gênero de morte, etc. Diz-se, muita vez, falando da vida futura, que não se sabe o que nela se passa, pois ninguém voltou para contar.

É um erro.

São precisamente os que nela se encontram que nos vêm dar suas instruções, e isso Deus permite hoje, mais que em outra época qualquer, como última advertência dada à incredulidade e ao materialismo.

146.

A alma desprendida do corpo vê a Deus?

As faculdades perceptivas da alma são proporcionais à sua pureza.

Só às almas elevadas é dado fruir da presença de Deus.

147.

Se Deus está em toda parte, por que razão não é dado vê-lo a todos os Espíritos?

Deus está em toda parte, porque irradia para todas as partes.

Pode-se dizer que o Universo está imerso na Divindade, como nós estamos na luz solar.

Os Espíritos atrasados, entretanto, acham-se envoltos por uma espécie de treva que o oculta a seus olhos e que só se dissipa à medida que se purificam e se desmaterializam.

Os Espíritos inferiores são, quanto à vista e com respeito a Deus, o que são os encarnados com respeito aos Espíritos: verdadeiros cegos.

148.

Depois da morte, a alma tem consciência de sua individualidade? Como o constata, e como podemos nós constatar-la?

Se as almas não tivessem sua individualidade depois da morte, para elas e para nós seria assim como se não existissem.

As conseqüências morais seriam exatamente as mesmas; não teriam quaisquer caracteres distintivos e a alma do criminoso estaria na mesma categoria que a do homem virtuoso do que resultaria não haver interesse algum em praticar-se o bem.

A individualidade da alma é posta em evidência de maneira quase material, nas manifestações espíritas, pela linguagem e pelas qualidades características de cada uma, pois que pensam e agem de diversas maneiras; são boas umas, outras más; umas instruídas, outras ignorantes, desejando algumas o que outras desprezam.

Esse fato prova, evidentemente, que não se acham confundidas num todo homogêneo, para não falar nas provas patentes, que nos oferecem, de terem animado tal ou qual indivíduo na Terra.

Graças ao Espiritismo experimental, a individualidade da alma já não é uma coisa vaga e sim um resultado constatado pela observação.

Porque têm pensamento e vontade próprios, distintos dos das demais, a alma, por si mesma, prova sua

individualidade.

Prova-o também com seu envoltório fluídico, o perispírito, espécie de corpo limitado que a torna um ser distinto.

**OBSERVAÇÃO** - Crêem certas pessoas escapar à censura de materialistas, admitindo um princípio inteligente universal, do qual absorvemos uma parte, ao nascimento, parte essa que constitui a alma, e que devolvemos ao todo por ocasião da morte e no qual se confunde, como as gotas de chuvas no oceano.

Esse sistema nem ao menos se enquadra no espiritualismo, pois é tão desolador quanto o materialismo. O receptáculo comum do todo universal equivaleria ao nada, pois nele já não haveria individualidade.

149.

O gênero de morte influi no estado da alma?

O estado da alma varia consideravelmente, conforme o gênero de morte, mas sobretudo conforme os costumes tidos durante a vida.

Na morte natural o despreendimento verifica-se gradualmente e sem abalos.

Muita vez principia sem haver cessado a vida do corpo.

Na morte violenta, por suplício, suicídio ou acidentes, os laços rompem-se bruscamente.

O Espírito, tomado de surpresa, fica como que aturdido pela transformação que nele se verificou, sem poder explicar a situação em que se encontra.

Um fenômeno quase habitual nesse caso é a persuasão em que fica de não haver morrido.

E essa ilusão pode durar muitos meses e até muitos anos.

Nesse caso, anda daqui para ali e crê ocupar-se de seus negócios, como se ainda pertencesse à Terra, muito admirado porque não lhe respondem quando se dirige aos outros.

Essa ilusão não é em absoluto, peculiar às mortes violentas, mas também a muitos indivíduos cuja vida foi absorvida pelos prazeres e interesses materiais.

(O Livro dos Espíritos, ne 165.

- Revue Spirite, 1858, pág.

166: Lê suicide de la Samaritaine.

- Idem.

1858, pág.

326: Un Esprit au convoi de son corps; idem, 1859, pág.

184: Lê Zouave de Magenta; idem, pág.

319: Um Sprit qui ne se croit pás mort.

- Idem, 1863, pág.

87: François Simon Louvet).

150.

Para onde vai a alma, depois de sua separação do corpo?

Não se perde na imensidão do infinito, como geralmente se acredita.

Fica errante no espaço e, as mais das vezes, junto àqueles que conheceu e sobretudo que amou.

Mas apesar disso não deixa de poder transportar-se, instantaneamente, a distâncias imensas.

151.

A alma conserva, as afeições que tinha na Terra?

Conserva todos os afetos morais; só esquece as afeições de cunho material que já não condizem com

sua essência.

Por esta razão volta, com suma alegria, a visitar seus parentes e amigos, cuja recordação lhe proporciona felicidade, (Revue Spirite, 1860, pág.

202.

Lês amis ne nous oublient pás dans Pautre monde.

Idem, 1862, pág.

132).

152.

A alma conserva a lembrança do que fez na Terra e se interessa pêlos trabalhos que deixou por concluir?

Depende da sua elevação e da natureza desses trabalhos.

Os Espíritos desmaterializados pouco se preocupam com as coisas materiais, ao se livrarem das quais se felicitam.

E quanto aos trabalhos que iniciaram, conforme a utilidade e a importância que tenham, muitas vezes inspiram a outras pessoas o pensamento de os terminar.

153.

A alma encontra, no mundo dos Espíritos, os parentes e amigos que a precederam?

Não somente reencontra esses, mas outros muitos que conheceu em vidas passadas.

Geralmente aqueles que mais a amam vêm ao seu encontro, recebendo-a quando chega ao mundo espiritual e auxiliando-a a se desprender dos laços terrenos.

Mas a privação do encontro com as almas mais queridas é, às vezes, um castigo para as almas culpadas.

154.

Qual é, na-outra vida, o estado intelectual e moral da alma de um menino morto em tenra idade?

Permanecem infantis as suas faculdades, como durante a vida?

O desenvolvimento incompleto dos órgãos da criança, não permitia ao Espírito manifestar-se perfeitamente.

Desembaraçado desse envoltório, suas faculdades são as que tinha antes de sua encarnação.

Não tendo passado na vida senão alguns instantes, suas faculdades não puderam se modificar.

**OBSERVAÇÃO** - Nas comunicações espíritas, o Espírito de uma criança pode falar como um adulto e pode mesmo ter um grande adiantamento.

Se usa, algumas vezes, a linguagem infantil, é para não privar a mãe do encanto decorrente do afeto que inspira um ser frágil e delicado, dotado de todas as graças da inocência.

A mesma pergunta poderia ser feita quanto ao estado dos cretinos, idiotas e loucos, depois da morte.

A resposta está nas linhas acima.

155.

Que diferença existe, depois da morte, entre a alma do sábio e a do ignorante, do selvagem e do homem civilizado?

A mesma, pouco mais ou menos, que entre elas existia durante a vida, pois o simples ingresso no mundo dos Espíritos não prodigaliza à alma todos os conhecimentos de que carecia na Terra.

156.

Progridem as almas, intelectual e moralmente, depois da morte?

Progridem mais ou menos, conforme a vontade que tenham.

Algumas fazem consideráveis progressos.

É preciso, porém, pôr em prática, na vida corporal, o que adquiriram em cultura e moralidade.

As que permaneceram estacionárias, voltam a empreender uma existência análoga à que deixaram.

As que progrediram merecem, certamente, uma encarnação de ordem mais elevada.

Conforme o progresso feito consoante a vontade dos Espíritos, alguns conservam, durante muito tempo, os gostos e as inclinações que tinham durante a vida e persistem nas mesmas idéias.

(Revue Spirite, 1858, pág.

82: La reine d Oude.

Idem, pág.

145.

UEsprit et lês héritiers.

Idem, pág.

186: Lê tambour de la Bérésina.

Idem 1859, pág.

344: Un ancien charretier.

Idem, 1860, pág.

325: Progrès d un Esprit.

Idem, 1861, pág.

126: Progrès d un Esprit pervers).

157.

Fica irrevogavelmente fixada, depois da morte, a sorte do homem na vida futura?

Não, pois isso seria a negação absoluta da justiça e da bondade de Deus, porque muitos existem que não puderam se instruir suficientemente; além desses, os idiotas, os cretinos e os selvagens, as inumeráveis crianças que morrem antes de ver a luz do dia.

E mesmo entre as pessoas ilustradas, serão muitas as que podem acreditar-se suficientemente perfeitas, de modo a se isentarem de um maior adiantamento? E a permissão de Deus concede ao homem de prosseguir no dia seguinte o que não pode terminar na véspera, não é, por acaso, a prova mais manifesta da sua infinita bondade? Se a sorte está irrevogavelmente fixada, por que os homens morrem em tão diferentes idades e por que razão Deus, tão sumamente justo, não concede tempo a todos para praticarem o maior bem possível ou para repararem todo o mal feito? Quem sabe se o culpado que morre aos trinta anos não se teria arrependido e transformado num homem de bem, se vivesse até os sessenta? Por que Deus lhe arrebatou o meio de o conseguir, quando o concede a outros?

Só o fato da diferença na duração da vida, e no estado moral da maioria dos homens, prova a impossibilidade, admitindo-se a justiça de Deus, de a sorte das almas estar irrevogavelmente fixada depois da morte.

158.

Qual é, na vida futura, a sorte das crianças mortas em tenra idade?

Esta é uma das questões que melhor provam a justiça e a necessidade da pluralidade das existências. Uma alma que não tenha vivido mais que alguns instantes, não tendo praticado nem o bem e nem o mal, não merece prêmio nem castigo, segundo a máxima de Cristo: Cada um será castigado ou recompensado segundo suas obras.

Seria tão ilógico quanto contrário à justiça de Deus admitir-se que, sem nenhum trabalho, fosse ela chamada a fruir da perfeita ventura dos anjos ou que desta se visse usurpada.

Não obstante, alguma sorte lhe caberá.

Mas um estado de meio-termo eterno, seria também absolutamente injusto.

Uma existência logo em começo interrompida não pode ter para a alma quaisquer conseqüências. A sorte atual da alma será, então, a que mereceu em sua precedente existência, assim como a futura será a que merecer por suas ulteriores existências.

159.

As almas têm ocupações na outra vida? Preocupam-se com outras coisas, além de seus gozos e sofrimentos?

Se as almas não se ocupassem senão de si mesmas, por toda a eternidade, seriam egoístas. Deus, que condena o egoísmo, certamente não aprova, na vida espiritual, o que reprova na vida corporal. As almas ou Espíritos têm ocupações em proporção ao grau de adiantamento que alcançaram, ao mesmo tempo procuram instruir-se e melhorar-se.  
(O Livro dos Espíritos, ns 558: Ocupações e missões dos Espíritos).

160.

Em que consistem os sofrimentos da alma depois da morte? As culpadas são torturadas nas chamadas materiais?

A Igreja reconhece hoje, perfeitamente, que o fogo do inferno é um fogo moral e não material. Não define, porém, a natureza dos sofrimentos. As comunicações espíritas nos esclarecem isso: por meio delas observamos esses sofrimentos e nos convencemos de que, se bem não resultem de um fogo material - que com efeito não poderia queimar as almas, que são imateriais - por isso não deixam de ser, em certos casos, menos terríveis.

Essas penas não são uniformes.

Variam ao infinito, segundo a natureza e o grau das faltas cometidas.

Muito amiúde as próprias faltas é que lhes servem de castigo.

Assim, certos assassinos são obrigados a permanecer no local do crime e têm incessantemente a visão de suas vítimas; o homem material e sensual conserva os mesmos apetites, mas a impossibilidade de os satisfazer materialmente torna-se-lhe um tormento; certos avaros crêem sofrer o frio e as privações que se impuseram por avareza.

Outros encontram ouro e sofrem por não poder tocá-lo; e outros ainda permanecem junto aos tesouros que ocultaram, presa de perpétua angústia, no temor de que os roubem.

Numa palavra, não há uma falta, uma imperfeição moral, uma ação má que não tenha, no mundo dos Espíritos, o seu reverso e suas naturais conseqüências; para isso, não é preciso um lugar determinado e circunscrito, pois onde quer que esteja, o Espírito perverso traz consigo o seu inferno.

Além das penas espirituais, existem penas e provas materiais, que o Espírito ainda não purificado sofre numa nova encarnação, cuja posição lhe facultará os meios de tolerar o que fez sofrer aos outros: o ser humilhado se foi orgulhoso, miserável se foi um mau rico, desgraçado por seus filhos se foi mau pai, infeliz por culpas dos pais se foi mau filho etc.

Conforme dissemos, a Terra é, para os Espíritos desta natureza, um dos lugares de desterro e de expiação, um purgatório, do qual poderão escapar, pois que de si mesmos depende não voltar e procurar evoluir bastante, a fim de merecerem passar para um mundo melhor.

(O Livro dos Espíritos, nº 237: Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos.

Idem, liv.

4º: Esperanças e consolações, penas e gozos terrenos; penas e gozos futuros - Revue Spirite, 1858, pág. 79: Lassassin Lemoire.

Idem, pág.

166: Lê suicide de la Samaritaine.

Idem, pág.

131: Sensations des Esprits.

Idem, 1859, pág.  
275.

Lê père Crèpin.

Idem, 1860, pág.

61.

Stella Regnier.

Idem, pág.

247: Lê suicide de la rue Quincampoix.

Idem, pág.

316: Lê châtiment.

Idem, pág.

325: Entrée d un coupable dans lê monde dès Esprits.

Idem, pág.

384: Châtimentes de 1 egoiste.

Idem, 1861, pág.

53: Suicide d un athée.

Idem, pág.

270: La peine de talion).

161.

A prece é útil às almas que sofrem?

A oração é recomendada pêlos bons Espíritos e ainda solicitada pêlos que sofrem, como um meio de aliviar seus sofrimentos.

A alma .

pela qual se ora, experimenta alívio porque a prece é um testemunho de interesse que por ela se toma e porque o desgraçado sempre se alegra quando encontra corações caridosos que compartilham de suas dores.

Além disso, pela oração a incitamos ao arrependimento e ao desejo de fazer o que for preciso para ser feliz.

Neste sentido é que podemos abreviar-lhe as penas, se ela nos ajudar com sua boa vontade.

(O Livro dos Espíritos, ng 664.

- Revue Spirite, 1859, pág.

315: Effets de la prière sur lês Esprits souffrants).

162.

Em que consiste o prazer que fruem os Espíritos felizes? Passam a eternidade na contemplação?

A justiça requer que a recompensa seja proporcional ao mérito, assim como o castigo à gravidade da falta.

Existe, pois, uma infinidade de graus na ventura da alma, desde o instante em que ingressa no caminho do bem, até que tenha alcançado a perfeição.

A felicidade dos bons Espíritos consiste em conhecer todas as coisas, em não sentir ódio, ciúme, inveja, ambição ou qualquer das paixões que são responsáveis peia infelicidade dos homens.

Consideram o amor que os une a fonte suprema da felicidade.

Não experimentam os sofrimentos, as necessidades e as angústias da vida terrena.

Um estado de perpétua contemplação, seria uma felicidade estúpida e monótona, como a do egoísta, pois a existência se transformaria, então numa inutilidade sem termo.

Muito pelo contrário, a vida espiritual é uma incessante atividade para os Espíritos, pelas missões que do ser supremo recebem, como agentes no governo do universo, missões essas que são proporcionais ao

adiantamento que tenham alcançado, e pelo cumprimento das quais sentem-se felizes, pois que lhes oferecem ensejo de se tornarem úteis e praticarem o bem.

(O Livro dos Espíritos, nº 158.

Ocupações e Missões dos Espíritos.

- Revue Spirite, 1860, págs.

321 e 322: Lês purs Esprits: Lê séjour dês bienheureux.

Idem, 1861, pág.

170: Madame Gourdon.

**OBSERVAÇÃO** - Convidamos os adversários do Espiritismo e os que não admitem a reencarnação, a apresentar, com respeito aos problemas acima expostos, uma solução mais lógica e por outro princípio que não o da pluralidade das existências.

FIM